

Materialismo

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Divino José da Silva

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

Terry Eagleton

Materialismo

Tradução
Fernando Santos



Título original: *Materialism*

© 2017 by Yale University

Originalmente publicado pela Yale University Press

© 2023 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

E11m

Eagleton, Terry

Materialismo / Terry Eagleton; traduzido por Fernando Santos. – São Paulo: Editora Unesp, 2023.

Tradução de: *Materialism*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-177-2

1. Filosofia. 2. Materialismo. 3. Cultura contemporânea. I. Santos, Fernando. II. Título.

2023-831

CDD 100

CDU 1

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

À memória de Leo Pyle

Sumário

Prefácio 9

1. Materialismos 13

2. Os texugos têm alma? 43

3. A emancipação dos sentidos 65

4. Alto-astral 97

5. O terreno acidentado 115

Referências bibliográficas 145

Índice remissivo 151

Prefácio

Este é, entre outras coisas, um livro sobre o corpo, mas não (ao menos quanto à minha auspiciosa expectativa) o tipo de corpo que atualmente está em voga nos estudos culturais e que, como um objeto de discussão, se tornou limitado, exclusivista e repetitivo às raias da monotonia. O estudo apresenta, portanto, um subtexto polêmico, na medida em que se busca examinar as modalidades da criaturalidade humana que a ortodoxia pós-moderna deixou praticamente de lado e que são, ademais, próprias a todos os corpos humanos, independentemente de, digamos, gênero e etnia. Acredito que esse universalismo despudorado vai se mostrar escandaloso o bastante para os comissários do discurso cultural contemporâneo.

Parece que, hoje em dia, os estudantes de pós-graduação do mundo todo que não estejam trabalhando com vampiros ou romances em quadrinhos estão pesquisando o corpo, mas de maneiras que excluem certas abordagens produtivas dele. Como de hábito, aqueles que cantam louvores à inclusividade são notavelmente ignorantes do quanto é deixado de fora por seu jargão preferido. Os estudos culturais estão preocupados, no geral, com o corpo étnico, generificado,

queer, esfomeado, construído, envelhecido, adornado, com deficiência, cibernético e biopolítico – o corpo como objeto do olhar sexual, lugar de prazer ou de dor, marcado pelo poder, pela disciplina ou pelo desejo. O corpo humano abordado neste livro, por outro lado, é de um tipo mais rudimentar. Em primeiro lugar, ele não é um constructo cultural. O que é dito dele se aplica tanto no Camboja como em Cheltenham, tanto às mulheres belgas como aos homens do Sri Lanka. Se é verdade com relação a Hillary Clinton, também o foi a respeito de Cícero. É provável que apenas os pós-modernos dogmáticos – para quem, surpreendentemente, todas as pretensões universais são opressivas, à exceção desta pretensão universal específica – se escandalizarão com tal abordagem.

Os estudos culturais produziram alguns *insights* valiosos a respeito do corpo, mas parecem ignorar a própria história política do campo, bastante deprimente nesse aspecto. Uma das principais fontes do tema é a obra de Michel Foucault, cujos escritos também representam uma crise da esquerda revolucionária após o final dos anos 1960. Foi no momento em que certas formas mais ambiciosas de política radical pareciam ter fracassado, repelidas por poderosas forças de direita, que o materialismo histórico começou a dar lugar ao materialismo cultural e o interesse pelo corpo começou a ganhar força. Se essas ideias serviram para questionar uma política esquerdista que, de tão cerebral, se mostrava demasiado distante dos sentidos, elas também contribuíram para demovê-la. Assim, como qualquer fetiche, esse corpo específico serve para preencher uma lacuna. A relação entre o corpo e a política socialista foi mantida na agenda política por algumas correntes pioneiras do feminismo; mas na década de 1980 a referência ao socialismo cedia terreno à referência à sexualidade, e uma esquerda cultural, que agora, em larga medida, mantinha um silêncio envergonhado a respeito do tema do capitalismo, se tornava cada vez mais estrondosa quanto à questão da corporalidade. Veremos mais adiante, porém, quando estivermos examinando a obra de Marx, que os dois não precisam ser considerados alternativas.

Prefácio

Agradeço aos dois leitores anônimos que fizeram comentários valiosos sobre uma versão preliminar do livro, sobretudo à sugestão radical de um deles de que eu cortasse as primeiras quarenta páginas. A meu ver, a obra ganhou muito com esse corte. Este é o sexto livro de minha autoria que Rachel Lonsdale, minha editora na Yale University Press, lança no mercado, com sua excepcional maestria e seu olhar atento às frases soltas e incoerências estruturais. Ela é a melhor das editoras, e eu lhe sou profundamente grato.

T. E.

O materialismo pode ser encontrado em diferentes formas e tamanhos, das versões mais rígidas e cabeças-duras às mais maleáveis e despojadas. Porém, dada a intimidadora amplitude do tema, para não falar de minhas próprias limitações intelectuais, só algumas dessas correntes do pensamento materialista serão objeto deste livro. Não estou interessado em determinadas questões extremamente técnicas a respeito de monismo, dualismo, eliminativismo ou do problema mente-corpo em geral, mas, sim, nas formas de materialismo que são, num sentido amplo, sociais ou políticas e a respeito das quais a maioria dos neurocientistas não tem dito nada de muito interessante.

Se você é do tipo de materialista que defende que as condições materiais determinam o ritmo das questões humanas, você pode buscar modificar essas condições na expectativa de que, assim, você consiga alterar o modo como as pessoas pensam e agem. Se o seu materialismo é do tipo determinista, aquele que considera que os homens e as mulheres são de todo condicionados pelo ambiente, esse projeto pode lhe parecer igualmente muito promissor. O problema é que, se os indivíduos são meras funções do ambiente em que estão

inseridos, então isso também deve se aplicar a você: nesse caso, como você pode agir para transformar esse contexto se você mesmo é um produto dele? Apesar dessas questões desconcertantes, o materialismo tem se aliado tradicionalmente (embora não exclusivamente) ao radicalismo político. Materialistas empiristas como os pensadores do século XVIII David Hartley e Joseph Priestley defendiam que a mente era formada por impressões sensíveis; que as impressões sensíveis se originavam do ambiente de cada um; e que, se esse ambiente pudesse ser remodelado de modo a gerar os tipos “certos” de dados sensíveis, o comportamento humano poderia ser radicalmente modificado para melhor.¹ Em termos políticos, esse não foi um projeto claramente progressista. Como Marx ressaltaria mais tarde, a mudança em questão costumava estar a serviço das necessidades e dos interesses dos próprios governantes. Ele não tardou a detectar as posições políticas implícitas nessa teoria do conhecimento.

Existe uma ligação entre o radicalismo e o materialismo em parte do pensamento de esquerda da Guerra Civil Inglesa, assim como há também na obra de Baruch Espinosa e dos *philosophes* do Iluminismo francês. É um legado que chega até Marx e Engels e que surge, em nossa própria época, na obra de teóricos dissidentes como Gilles Deleuze. (Darwin, Nietzsche e Freud também são materialistas radicais, mas não pensadores da extrema esquerda.) Embora o termo “materialismo” tenha sido cunhado no século XVIII, a doutrina em si remonta à Antiguidade,² e um de seus primeiros expoentes, o filósofo grego Epicuro, foi o tema da tese de doutorado de Marx. Marx admirava a paixão de Epicuro pela justiça e pela liberdade, sua aversão à acumulação de riquezas, sua atitude esclarecida a respeito das mulheres e a seriedade com a qual ele abordava a natureza sensorial da humanidade – todos esses elementos eram vistos por ele como

1 Para o pensamento materialista no século XVIII, ver John W. Yolton, *Thinking Matter: Materialism in Eighteenth-Century Britain*.

2 Ver Raymond Williams, *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*.

vinculados a suas teorias filosóficas. Para Epicuro, como para o Iluminismo, o materialismo significava, entre outras coisas, a libertação do clericalismo e da superstição.

Para Isaac Newton e seus colegas, a matéria é uma coisa bruta e inerte (Newton a chamava de “estúpida”) que, por isso mesmo, tinha de ser posta em movimento pela força externa da vontade divina. O argumento tem algo a ver com o corpo humano. Aqueles que olham para o corpo humano da forma como olham para um cadáver provavelmente sentem a necessidade de lhe agregar uma entidade fantasmagórica para que ele seja estimulado a agir. Como é grosseiro e preguiçoso, é pouco provável que ele se ative a si mesmo. Nesse sentido, mentes e almas desencarnadas são, entre outras coisas, uma tentativa de compensar a crueza do materialismo mecânico. Se assumíssemos uma visão menos mecânica da matéria, poderíamos acabar nos revelando desnecessários. Se o espírito e a natureza são esferas diferentes, então o primeiro está livre para exercer sua influência sobre a segunda. Na teoria newtoniana, forças espirituais controlam, de cima, a natureza, mais ou menos como os monarcas e os déspotas governam seus países.

Por outro lado, para a linhagem radical que descende de Espinosa, essas augustas autoridades não têm razão de ser. A própria matéria é viva – e não apenas viva, mas autodeterminante, mais ou menos como a população de um país democrático. Não é necessário postular um poder soberano que a ponha em movimento. Além disso, repudiar uma esfera de espíritos é emprestar ao mundo material uma seriedade inabalável, juntamente com o bem-estar material dos homens e das mulheres que o habitam. Essa postura não admite distrações etéreas da tarefa de pôr fim à pobreza e à injustiça. Ao mesmo tempo, também permite que se rejeite toda autoridade clerical, pois, se o espírito está por toda parte, então o clero não pode deter o monopólio dele. Nesse caso, é possível falar de uma política da matéria.

Ser materialista, nesse sentido, é investir os seres humanos de um grau de dignidade por vê-los como parte de um mundo material

que é idêntico ao Todo-Poderoso. Pelo menos essa era a visão do panteísta Espinosa. Materialismo e humanismo são, portanto, aliados naturais. O mesmo, porém, poderia ser dito dos humanistas mais conservadores, para quem havia um abismo intransponível entre a humanidade e o resto da natureza. Essa arrogância filosófica poderia ser aplacada pela menção à condição banal da humanidade, humildemente de acordo com o mundo material e seus companheiros animais. A humanidade não é Senhora da Criação, mas parte de sua comunidade, e nossa carne e nossos nervos são tecidos com o mesmo material das forças que agitam as ondas e amadurecem os campos de milho. Como Friedrich Engels observa em *Dialética da natureza*:

de modo algum controlamos a natureza como um conquistador subjuga um povo estrangeiro, como alguém que se encontra fora da natureza – mas nós, de carne, osso e cérebro, pertencemos à natureza, e existimos em seu interior, e [...] todo o nosso domínio sobre ela consiste no fato de que, em relação aos demais seres, temos a vantagem de sermos capazes de conhecer e aplicar corretamente suas leis.³

Pouco tempo antes, Darwin tinha posto a nu nossas modestas origens, suplantando uma humanidade que teria preferido uma procedência mais nobre a uma rede de processos materiais sem nenhum glamour.

O materialismo, portanto, possui tanto uma dimensão ética como uma dimensão política. Diante do humanismo arrogante, ele insiste na solidariedade com as coisas mezinhas do mundo, cultivando assim a virtude da humildade. Consternado com a fantasia de que os seres humanos são de todo autodeterminantes, ele nos lembra de que somos dependentes uns dos outros, bem como de nosso meio. “O desamparo original dos seres humanos”, escreve Sigmund Freud, “é [...] a fonte primordial de todas as motivações

3 Friedrich Engels, *The Dialectics of Nature*, p.291-2.

morais.”⁴ O que nos torna seres morais não é nossa autonomia, mas nossa vulnerabilidade; não é enclausurarmo-nos em nós mesmos, mas mantermo-nos abertos. Fiel a esse espírito materialista, o filósofo marxista Sebastiano Timpanaro escreve como

os resultados da pesquisa científica nos ensinam que o homem ocupa uma posição marginal no universo; que durante um longo tempo a vida não existiu na Terra, e que sua origem dependeu de condições muito especiais; que o pensamento humano é condicionado por determinadas estruturas anatômicas e fisiológicas, e é obscurecido, ou tolhido, por determinadas alterações patológicas destas.⁵

Esse tipo de materialismo não promove o niilismo, mas o realismo. Como na arte da tragédia, se quisermos que nossas realizações estejam bem fundamentadas, precisamos reconhecer nossa fragilidade e nossa finitude. Também existem outros benefícios morais. Ciente da intratabilidade da matéria, o pensamento materialista estimula o respeito à diversidade e à integridade do mundo, ao contrário do narcisismo pós-moderno, que só enxerga reflexos da cultura humana onde quer que olhe. O materialismo também desconfia do preconceito pós-moderno segundo o qual a realidade é argila em nossas mãos, pronta para ser esticada, cortada, esmurrada e remodelada pela vontade imperiosa. Trata-se de uma versão capitalista tardia da antiga aversão gnóstica à matéria.

Marxistas como Timpanaro também são expoentes do chamado materialismo histórico, sobre o qual nos estenderemos posteriormente.⁶ Alguns deles (embora componham um pequeno grupo hoje em dia) também defendem o materialismo dialético, algumas vezes

4 Sigmund Freud, Project for a Scientific Psychology, em Ernst Kris (Org.), *The Origins of Psychoanalysis*, p.379.

5 Sebastiano Timpanaro, *On Materialism*, p.36.

6 Para um exemplo da ortodoxia marxista sobre esta questão, ver Antonio Labriola, *Essays on the Materialistic Conception of History*.

conhecido mais simplesmente como filosofia marxista.⁷ O materialismo histórico, como o nome indica, é uma teoria da história, ao passo que materialismo dialético, cuja obra fundadora é *Dialética da natureza*, de Engels, é uma visão da realidade extremamente mais ambiciosa. Seu horizonte teórico é nada menos que o próprio cosmo, o que é, sem dúvida, um dos motivos pelos quais ele está fora de moda nestes tempos pragmáticos. Das formigas aos asteroides, o mundo é um complexo dinâmico de forças interligadas no qual todos os fenômenos estão inter-relacionados, nada permanece estático, quantidade se transforma em qualidade, não se oferece nenhum ponto de vista absoluto, tudo está perpetuamente a ponto de se transformar em seu oposto, e a realidade evolui através da unidade de poderes conflitantes. Aqueles que negam essa doutrina são acusados de serem metafísicos, assumindo falsamente que os fenômenos são estáveis, autônomos e distintos, que não existem contradições na realidade e que tudo é o que é, e não qualquer outra coisa.

Não está claro o que fazer com a afirmação de que tudo está relacionado a tudo o mais. Parece haver pouco em comum entre o Pentágono e um surto repentino de ciúme sexual, além do fato de que nenhum dos dois é capaz de andar de bicicleta. Algumas das leis que o materialismo dialético encontra em ação no mundo superam a diferença entre natureza e cultura, um exemplo embaraçosamente próximo do positivismo burguês que o marxismo rejeita. Como disse com ar triunfante um operário marxista conhecido meu: “A chaleira ferve, o rabo do cachorro balança e as classes lutam”. No entanto, existem muitos marxistas para quem o materialismo dialético é uma forma disfarçada de idealismo ou um absurdo filosófico.⁸ Esta última era a opinião de um grupo de supostos marxistas analíticos alguns

7 Para uma descrição ortodoxa, ver Henri Lefebvre, *Dialectical Materialism*.

8 A visão de que o materialismo dialético é uma forma de idealismo se baseia na acusação de que ele projeta as operações de negação, contradição etc. propriamente mentais ou linguísticas na própria realidade material. Para essa argumentação, ver Lucio Colletti, *Marxism and Hegel*, Parte 1.

anos atrás, que tinha o hábito de usar camisetas com o *slogan* “*Marxisme sans la merde de taureau*”, ou “Marxismo sem papo furado”.

Vale a pena observar que os materialistas históricos não precisavam ser ateus, embora, curiosamente, muitos deles pareçam ignorar esse fato. Ainda que a maioria deles rejeite a crença religiosa, eles em geral não se dão conta de que não há uma conexão lógica entre os dois casos. O materialismo histórico não é uma questão ontológica. Ele não afirma que tudo é feito de matéria e que, portanto, Deus seria uma noção absurda. Nem é uma Teoria de Tudo, como o materialismo dialético aspira a ser. Ele não tem nada a dizer, que seja de iminente importância, a respeito do nervo óptico ou de como preparar rapidamente um suflê bem fofinho. Trata-se de uma proposta muito mais modesta – que vê a luta de classes, junto com um conflito entre as forças e as relações de produção, como a dinâmica das transformações históricas memoráveis. Ele também considera que as atividades materiais dos homens e das mulheres estão na origem de sua existência social, uma visão que não é exclusiva do marxismo. Não existe nenhum motivo para que um judeu religioso como Walter Benjamin ou um admirador da teologia da libertação não adote esse modo de ver as coisas. Também houve marxistas islâmicos. Em tese, nada impede que ansiemos pelo inevitável triunfo do proletariado enquanto passamos várias horas do dia prostrados diante de uma imagem da Virgem Maria. Todavia, defender que tudo o que existe é matéria e ao mesmo tempo acreditar no Arcanjo Gabriel não seria uma tarefa tão fácil.

O materialismo dialético, como alguns têm argumentado, pertence a uma corrente do materialismo vitalista que passa de Demócrito e Epicuro a Espinosa, Schelling, Nietzsche, Henri Bergson, Ernst Bloch, Gilles Deleuze e uma gama de outros pensadores. Uma vantagem dessa doutrina é que ela permite criar espaço para o espírito sem se cair num dualismo vexatório, já que o espírito, na forma de vida ou energia, está integrado na própria matéria. No entanto, ela também sofreu críticas por ser tomada como uma forma de irracionalismo. Segundo essa visão, a realidade é volátil, mutável e está em

contínua transformação, e a mente, que tende a dividir o mundo de acordo com certas categorias um pouco caquéticas, tem dificuldade de se manter a par desse fluxo constante. A consciência é uma faculdade desengonçada e avultada demais para lidar com os meandros da natureza. Enquanto a mente costumava superar a inércia da matéria, a matéria é agora uma coisa imprevisível e que sobrepuja a mente.

Existem tipos de vitalismo que tendem a idealizar e tornar etérea a matéria. Por isso, eles correm o risco de eliminar a dor presente nela, desviando o olhar de sua substância recalcitrante.⁹ De acordo com essa visão benigna, a matéria não é mais aquilo que fere – que bloqueia nossos projetos e frustra nossos objetivos; em vez disso, ela assume toda a delicadeza e a maleabilidade do espírito. É um tipo de materialismo estranhamente imaterial. Como observa Slavoj Žižek, o chamado Novo Materialismo, que promove essa visão,

é materialista no sentido em que a Terra-Média é materialista: como um mundo encantado cheio de forças mágicas, espíritos bons e maus etc., mas, estranhamente, *sem deuses* – não existem entidades divinas transcendententes no universo de Tolkien, toda magia é imanente à matéria, como um poder espiritual que habita nosso mundo terreno.¹⁰

Assim como a de Tolkien, esta é uma visão essencialmente pagã. Como dizem os editores de uma obra intitulada *New Materialisms* [Novos materialismos], “a materialidade sempre é algo mais que a simples ‘matéria’: um excesso, uma força, uma vitalidade, uma racionalidade ou uma diferença que torna a matéria ativa, autocriadora, produtiva, imprevisível”.¹¹

9 Ver John Milbank, *Materialism and Transcendence*, em Creston Davis, John Milbank e Slavoj Žižek (Org.), *Theology and the Political*, p.394-5.

10 Slavoj Žižek, *Absolute Recoil: Towards a New Foundation of Dialectical Materialism*, p.13.

11 Introdução ao livro de Diana Cook e Samantha Frost (Org.), *New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics*, p.9.